



MAPAS-MOVIMENTOS: tentativas de esgotamento de sistemas cartográficos em leituras de deslocamentos urbanos

RAMOS, Gabriel T.; gabrieltramos@usp.br; IAU-USP

1 Introdução

Ao longo da história, com crescimento, apuro e maior diversificação da velocidade dos deslocamentos (VIRILIO, 1996), além da descoberta de técnicas, linguagens e maquinários, grafias responsáveis pelas leituras espaciotemporais foram se transformando e se consolidando em mapas e cartas. Se, por um lado, sua especialização na vida ocidental foi sendo restrita a grupos dominantes e operada enquanto técnica de poder, por outro, ela vem tornando visíveis intensões e juízos de valor. Isto é notável desde posições mais evidentes a outras que possam envolver distorções “porque incorporam uma perspectiva cultural compartilhada que as torna transparentes” (DAVIS, 2009, p. 41), e são sempre “um meio de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens” (HARLEY, 1995, p. 19).

Pelas leituras urbanas ocidentais, observamos a formação territorial engendrada ao incremento da velocidade e produção cartográfica. Ao longo da primeira metade do século XX, isso foi se tornando mais visível em países protagonistas das guerras, como os EUA, que, em 1960, experimentaram um espraiamento territorial cada vez maior. Neste contexto, o país tomou contornos territoriais mais robustos, com a forte profusão do imaginário da casa própria nos subúrbios e dos altos investimentos nas rodovias para automóveis privados. Foi o momento em que manifestações cartográficas também ocorreram para interpretação de cidades, observadas, principalmente, pelo campo do urbanismo, como da morfologia das estradas, em *The view from the road* (APPLEYARD; LYNCH; MYER, 1965); da comunicação e simbolismo do corredor comercial, em *Learning from Las Vegas* (VENTURI; SCOTT BROWN; IZENOUR, 1972); da paisagem urbana, em *Townscape* (CULLEN, 1961); e de narrativas teórico-práticas formadas por espaço, evento e movimento, em *The Manhattan Transcripts* (TSCHUMI, 1981).

Com a proeminência de outras formas de deslocamentos – de sentidos e de formas de ser e estar no mundo – tais práticas necessitam ser cada vez mais atualizadas, no que diz respeito a uma “política do ato de cartografar” (SPERLING, 2017). Assim, no bojo das transformações de um mundo globalizado e hiperconectado – não necessariamente acessível, e, por vezes, precarizado –, observamos a constituição de novos mundos possíveis, visando dotar o cartógrafo de novas leituras e engajamentos, já que “a interação de mapas dominantes e divergentes é uma maneira de ler a história – e de

participar dela – na medida em que toda cartografia bem-sucedida ajuda a criar o mundo que ela pretende representar" (HOLMES, 2006, p. 4). Foi por conta disso que a cartografia passou a ser disputada por palavras, sentidos, dimensões, técnicas e domínios, desde anos 1980. Na última década, isto tomou ainda mais força através de sua função colaborativa na geoespacialização da web (CRAMPTON, 2010), numa hegemonia consensual em torno da produção cartográfica. Em meio a essa proliferação, com a intenção de uma politização das tecnologias de georreferenciamento, visando torná-los instrumentos cada vez mais acessíveis e imaginativos possibilitando novas percepções, constituíram-se visões da "cartografia indisciplinar" (PICKLES, 2004; WOOD; FELS, 1992; CRAMPTON; KRYGIER, 2006), ao reivindicar sua produção vinculada às relações de poder que a envolvem; e das "contracartografias" (HOLMES, 2006), reposicionando o cartógrafo na leitura do mundo.

2 Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo mais geral investigar experimentações metodológicas críticas entre cartografia, imagem e movimento para a leitura de deslocamentos urbanos contemporâneos, em meio ao contexto de profusão consensual e predominante de formas visualização relacionadas ao deslocamento, advindas de tecnologias de mapeamento, georreferenciamento e geolocalização. Para isso, parte-se de objetivos específicos que consistem em:

- revisar bibliografias sobre produções cartográficas ocidentais como técnicas de controles;
- analisar o atual contexto das tecnologias de mapeamento, georreferenciamento e geolocalização;
- analisar produções cartográficas ligadas ao campo do urbanismo, relacionadas aos deslocamentos urbanos, propostas entre 1960 e 1980;
- analisar atuais práticas cartográficas, com recorte específico em manifestações relacionadas aos dos deslocamentos urbanos;
- realizar experimentações cartográficas de deslocamentos, a fim de configurar aberturas possíveis às metodologias de leitura urbana do campo do urbanismo.

3 Abordagem da pesquisa

A abordagem desta pesquisa de doutorado compreende práticas cartográficas estéticas e políticas, e as circunscreve no campo da leitura do movimento. Para compreender isto, inferimos duas noções trazidas por Jacques Rancière (1996; 2005): "dissenso" e "partilha do sensível". A primeira se refere a uma disputa que torna efetivamente mais visível o campo da política e o estrutura, já que parte da diferença e do exercício das alteridades. A segunda diz respeito a um "sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas" (RANCIÈRE, 2005, p. 15), que engajaria a visualização de discursos, a partir de práticas estéticas. Numa sociedade que mapeia e é mapeada, esse sistema pode ser considerado um meio pelo qual formas de mapeamento também se tornam visíveis, sendo necessário produzir outra "estética do mapeamento cognitivo", que intente "dotar o indivíduo com algum novo senso ampliado de seu lugar no sistema global" (JAMESON, 1991, p. 53 apud SPERLING, 2017, p. 81).

Compreendemos, primeiramente, a cartografia em meio a relações de poder, com o objetivo de “atuar por meio da visibilização de aspectos não considerados na lógica comum e da experimentação de linguagens, em articulações não usuais entre forma e conteúdo, produzindo ‘outras’ espacializações de também ‘outras’ informações” (SPERLING, 2017, p. 86). Em seguida, observamos a cartografia como prática estética, a partir de precedências, Sperling (2017) propõe três categorias: “trajetórias-narrativas”, “arquivos visuais” e “gráficos-diagramas”. Por fim, a partir dessas noções, ao longo da tese de doutorado, temos desenvolvido a de “mapas-movimento”, que tenta ler outras narrativas em um mundo deslocado de sentidos.

Para fundamentarmos a ideia de *movimento*, recorreremos às teses sobre, que Deleuze (1985) observou de Bergson (2005; 2006). Nesse sentido, há uma diferenciação que os autores realizam entre *movimento* e *espaço percorrido*, este que “é divisível, e até infinitamente divisível, enquanto o movimento é indivisível, ou não se divide sem mudar de natureza a cada divisão” (DELEUZE, 1985, p. 9). *Movimento*, diferentemente, é relacionado ao tempo, que atua a partir de mudanças qualitativas. Segundo Deleuze, trata-se de mudanças na *duração*, ou seja, “cortes”, não estáticos, mas “cortes móveis”. Há, portanto, na ideia de *movimento* uma dimensão, não de um objeto ou uma cena, mas, de um todo que muda; há uma nova atmosfera que emerge. Se há na ideia de *espaço percorrido*, uma dimensão de *tempo passado*, na proposta deleuzeana, há a relação entre *movimento* e *tempo presente*. Há, no limite, uma tessitura cartográfica de um tempo presente na ideia de movimento. Assim, a noção de *mapas-movimentos* proposta na tese, apresenta relações entre cinema e cartografia em que sujeitos tecem um *movimento* de atmosfera a partir de narrativas.

Notamos práticas cartográficas em que há conscientização de sujeitos acerca de cartografias hegemônicas, utilizando-as para sua própria implosão, numa forma de hackeamento do sistema cartográfico existente. Para esta pesquisa, tais práticas relacionam o movimento à cartografia e se configuram como *mapas-movimentos*, como o curta-metragem *Nunca é noite no mapa* (2016), em que um sujeito incorporado ao “mapa” o confronta de dentro; a vídeo-performance *Google Maps Hacks* (2020), de Simon Weckert, que incorpora a plataforma em suas exposições e realiza um deslocamento em uma via com um carrinho de mão lotado com celulares geolocalizados; do vídeo-denúncia *Pro-Government Strikes on M2 Hospital*, que reconfigura a partir de mapas e simulações 3D ataques militares sírios sofridos em um hospital, em 2016; e a obra-site *On Broadway* (2014-16), como instalação interativa das informações disponíveis em aplicativos e dados geolocalizados.

4 Resultados e discussões

A pesquisa se encontra em andamento, contudo, além dos prévios apontamentos descritos no item anterior, é possível se considerar como fundamental eixo a expansão do campo do urbanismo a leituras urbanas que tanto se proponham a hackear formas cartográficas consensuais e predominantes quanto incorporar deslocamentos, observadas, especialmente, às que se relacionem mais diretamente à imagem-tempo. Por conta disso, enquanto a leitura das metodologias propostas pelos urbanistas, entre 1960 e 1980, nos direcionou a pensar cartografias com a forma-mapa fundidas ao movimento, a forma de engajamento das práticas cartográficas provenientes do campo da arte e cinema vem deixando à tona a necessidade de atualizar as leituras urbanas

tanto para a incorporação dessas técnicas, inserindo ainda o ato político de cartografar o território, através dessas linguagens.

5 Referências

- APPLEYARD, Donald; LYNCH, Kevin; MEYER, John. **The view from the road**. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- CRAMPTON, Jeremy W.; KRYGIER, John. An introduction to critical cartography. **ACME: An International E-Journal for Critical Geographies**, vol. 4, n. 1, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/7732250/An_Introduction_to_Critical_Cartography.
- DAVIS, Stephen Boyd. Mapping the unseen: making sense of the subjective image. In: NOLD, Christian (ed.). **Emotional cartography – technologies of the self**. Soft Hook, p.38-49, 2009. URL: www.emotionalcartography.net. Acesso em 02/03/2020.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: a imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 1998. Rio de Janeiro, Graal.
- GIRARDI, Gisele; SOARES, Pedro. Construção de um problema de pesquisa sobre o mapeamento como dispositivo. In: **Revista Olhares & Trilhas**, Ano XVII, Número 22 (Jul/Dez 2015).
- HARLEY, Brian. Cartes, savoir et pouvoir. In: GOULD, Peter; BAILY, Antoine. **Le pouvoir des cartes et la cartographie** (Trad.: Mônica Balestrin Nunes). Paris: Antropos, 1995, p. 19-51.
- HOLMES, Brian. Counter cartographies. In: **Else/Where: Mapping: New cartographies of networks and territories**. ABRAMS, Janet; HALL, Peter (Orgs.). Publisher: University of Minnesota Design Institute, pp. 20-25.
- JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.
- PICKLES, John. A History of Spaces: Cartographic Reason, Mapping, and the Geocoded World. In: **Frontiers of Human Geography**. Chapel Hill: Psychology Press, 2004.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- _____. **O desentendimento. Filosofia e Política**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- SPERLING, David. Você (não) está aqui: convergências no campo ampliado das práticas cartográficas. In: **Indisciplinar / EA-UFMG**. Belo Horizonte (MG), V. Semestral, n.2, v.2 (2017), pp. 77-92.
- TSCHUMI, Bernard. **The Manhattan Transcripts**. London: Academy Editions, 1994.
- VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. **Aprendendo com Las Vegas: o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política**. São Paulo, Estação da Liberdade, 1996.
- WOOD, Denis; FELLS, John. **The power of maps**. Abindgon: Roulledge, 1992.